

PRÁTICAS CIBERATIVISTAS NA PANDEMIA: QUANDO A REDE MOBILIZA ATOS DE RESISTÊNCIA À NECROPOLÍTICA

CYBERACTIVIST PRACTICES IN THE PANDEMIC: WHEN SOCIAL MEDIA MOBILIZE ACTS OF RESISTANCE TO NECROPOLITICS

 <https://orcid.org/0000-0002-1799-2769> Marcelle Medeiros Teixeira^A
 <https://orcid.org/0000-0002-5221-7135> Dilton Ribeiro Couto Junior^B

^A Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

^B Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Recebido em: 02 jun. 2022 | Aceito em: 16 set. 2022

Correspondência: Marcelle Medeiros Teixeira (marcellemteixeira@gmail.com)

Dilton Ribeiro Couto Junior (junnior_2003@yahoo.com.br)

Resumo

O texto, recorte de pesquisa de mestrado recentemente finalizada, analisa práticas ciberativistas cartografadas em tempos de COVID-19. O foco do trabalho foi discutir três episódios que ocorreram no final de 2021 e que repercutiram nas redes: 1) a participação de Bolsonaro e sua comitiva na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU); 2) a manifestação a favor do governo ocorrida no dia primeiro de agosto de 2021 em São Paulo (SP); e 3) a manifestação contrária ao governo ocorrida no dia sete de setembro no Rio de Janeiro (RJ). Adotamos a cartografia *online* como metodologia de pesquisa, privilegiando princípios como a atenção e o afetamento frente aos acontecimentos contemporâneos investigados. Após dois anos (con)vivendo com o vírus da COVID-19, vimos olhando atentamente para as redes e aprendendo como os sujeitos vêm engajando-se coletivamente para orquestrar atos de resistência à necropolítica, questionando as políticas de morte de um governo que reitera discursos negacionistas em plena pandemia.

Palavras-chave: Ciberativismo; Necropolítica; Pandemia; Educação.

Abstract

Part of a recently completed master research, this paper analyzes cyberactivist practices in times of the COVID-19 pandemic. The work focuses on three episodes that occurred in late 2021 and reverberated on social media: 1) the participation of current Brazilian President, Jair Bolsonaro, and his Presidential Delegation in the United Nations General Assembly (UNGA); 2) the pro-government march that happened on August 1, 2021 in São Paulo (SP); and 3) the anti-government protest that took place on September 7 of the same year in Rio de Janeiro (RJ). We adopted the online cartography as the main research methodology of this paper, prioritizing principles such as attention and impact caused by the investigated contemporary events. During the two years of the COVID-19 pandemic, we have been observing social media and learning how subjects are collectively engaging to orchestrate acts of resistance to necropolitics, questioning the politics of death that a revisionist government established.

Keywords: Cyberactivism; Necropolitics; Pandemic; Education.



Nega-se a ciência, nega-se o direito à vida: reflexões iniciais

Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2). Ao longo dos dois últimos anos, inúmeras foram as incertezas sobre o surgimento do vírus, como ele se propagava, formas de combate, necessidade do isolamento físico, entre outras práticas e questionamentos que passaram a se fazer presentes em nossas rotinas. Frente às incertezas, percebemos que não estávamos diante somente da pandemia de COVID-19, mas também da pandemia de desinformação (TEIXEIRA; COUTO JUNIOR, 2020).

No início da disseminação do vírus da COVID-19, quando ainda se tratava de uma endemia, concordamos que não havia a “necessidade de reagir propagando ódio, ganância e ignorância. [...] Podemos optar por acreditar na ciência, e não em teorias conspiratórias. Podemos optar por cooperar com os outros em vez de culpá-los” (HARARI, 2020, p. 9). Conforme apontou Harari em 2020, acreditar na ciência e optar pela cooperação tornaria mais fácil (con)viver com o vírus da COVID-19 e buscar estratégias de sobrevivência para o período posterior.

O que vimos percebendo ao longo dos últimos dois anos foi o entrecruzamento de duas pandemias: pandemia de COVID-19 e pandemia de *fake news*. Embora o cenário permaneça sombrio, com intensos cortes na saúde e na educação, continuamos acreditando na importância das instituições de ensino em tempos de “negacionismos com o objetivo de combater a onda conservadora antidemocrática e anticiência que por alguns anos vem atingindo o Brasil e desqualificando o trabalho de intelectuais implicadas/os com a pesquisa e formação humana” (SILVA JUNIOR; COUTO JUNIOR; RODRIGUES, 2020, p. 8). Cada vez mais a história nos ensina que precisamos estar atentas/os e preparadas/os para enfrentar os desafios de nossa época; jamais são desafios cujas respostas são prontamente dadas, pelo contrário, a análise do tempo presente requer um cuidado redobrado que envolve inquietações e questionamentos.

Novamente nos voltamos para Harari (2020, p. 8) e concordamos que, assim “como em pandemias anteriores, também em relação à covid-19 a coisa mais importante a lembrar é que os vírus não moldam a história. Os humanos, sim. Somos muito mais poderosos do que os vírus, e cabe a nós decidir como responderemos ao desafio”. Com base nessa reflexão, destacamos as premissas de que os humanos são mais poderosos que os vírus e que as decisões tomadas em tempos de pandemia cabem a nós. Sobre o primeiro ponto, consideramos importante ressaltar

que o cenário pandêmico não é inédito porque a humanidade já enfrentou outras pandemias. Um dos fatores diferentes entre o vivido historicamente e a pandemia do novo coronavírus é o fato de estarmos, hoje, diante de um mundo globalizado, cujas informações circulam por todas as partes do mundo e podem ser acessadas na palma de nossas mãos (COUTO; COUTO; CRUZ, 2020).

Ao mesmo tempo em que nos alinhamos com Harari (2020) e reconhecemos que somos mais poderosos que o SARS-CoV-2, compreendendo a potência da ciência e das pesquisas para desenvolver um imunizante capaz de proteger a população, não podemos negar que, no caso do Brasil, estamos diante de ações políticas que caminham na contramão dessa perspectiva. Em dezembro de 2020, quando mais de 40 países no mundo já haviam iniciado a campanha de imunização contra a COVID-19, o Brasil ainda não havia aprovado o registro de nenhum imunizante e seguia sem previsão para o início da aplicação das vacinas nas/os brasileiras/osⁱ. Cabe ressaltar que, durante esse período, os registros ultrapassavam sete milhões de casos e quase 200 mil mortes pela doença.

No momento de escrita deste texto, trazemos para a reflexão a nota pública emitida pela CPI da COVIDⁱⁱ, que representa o sentimento de grande parte das/os brasileiras/os com a chegada tardia do imunizante no país. Nesse sentido, a CPI aponta:

A inflexão do Presidente da República celebrando vacinas contra a Covid-19 vem com um atraso fatal e doloroso. O Brasil esperava esse tom em 24 de março de 2020, quando inaugurou-se o negacionismo minimizando a doença, qualificando-a de ‘gripezinha’. Um atraso de 432 dias e a morte de quase 470 mil brasileiros, desumano e indefensável. A fala deveria ser materializada na aceitação das vacinas do Butantan e da Pfizer no meio do ano passado, quando o governo deixou de comprar 130 milhões de doses, suficientes para metade da população brasileira. Optou-se por desqualificar vacinas, sabotar a ciência, estimular aglomerações, conspirar contra o isolamento e prescrever medicamentos ineficazes para a Covid-19. A reação é consequência do trabalho desta CPI e da pressão da sociedade brasileira que ocupou as ruas contra o obscurantismo. Embora sinalize com recuo no negacionismo, esse reposicionamento vem tarde demais. A CPI volta a lamentar a perda de tantas vidas e dores que poderiam ter sido evitadasⁱⁱⁱ.

Essa pressão da sociedade brasileira contra o obscurantismo foi refletida nas ruas e na rede. Uma parte desse questionamento pode ser percebida através do *meme* abaixo (Figura 1), que critica os discursos e as ações políticas que dificultaram o enfrentamento da pandemia de COVID-19 no Brasil. Nele, temos a imagem do presidente brasileiro Jair Bolsonaro com uma fita adesiva prata em sua boca, representando a proteção proposta contra o vírus. Utilizou-se do humor e da ironia, recursos bastante característicos dos *memes* (SANTOS; COLACIQUE;

CARVALHO, 2016), para inferir que a máscara capaz de salvar vidas seria, na verdade, um mecanismo para impedir que Bolsonaro se pronunciasse.

Os *memes* podem ser compreendidos como uma linguagem envolvendo imagens-dizeres, de autoria (com)partilhada, que se configura como uma estratégia comunicativa para a (re)leitura do cotidiano, através da exploração de elementos socioculturais distintos (SANTOS; COLACIQUE; CARVALHO, 2016). Essa imagem-dizer representa uma medida de saúde pública, pois seu discurso negacionista minimizou a gravidade do novo coronavírus e, conseqüentemente, colocou em risco a vida das/os brasileiras/os.

Figura 1 – “Máscara” salva vidas



Fonte: Captura de tela realizada no Twitter em abril de 2020.

É diante desses e de outros registros e inquietações que investigamos as práticas ciberativistas que mobilizam atos de resistência à necropolítica. Vimos nos debruçando sobre o conceito de necropolítica a partir das reflexões de Mbembe (2018), compreendendo que existem corpos que devem viver, enquanto outros são deixados para morrer. No contexto da pandemia de COVID-19, muitas decisões precisaram ser tomadas em nome da desaceleração do contágio, no entanto, o que vivenciamos foi uma política de morte. Com base nesse cenário, conforme apontam Nolasco-Silva, Bianco e Delgado (2020, p. 350, grifos dos autores), “o que acontece depois da contaminação segue à risca o *modus operandi* das desigualdades sociais”. Isso pode ser percebido quando apenas uma parcela da sociedade consegue leitos em hospitais com infraestrutura técnica necessária, quando poucos conseguem manter a orientação de distanciamento físico sem que sejam prejudicados ou, ainda, quando o medo da perda do

emprego ou a fome não são motivos de preocupação. As políticas praticadas durante a pandemia serviram para escancarar essas desigualdades sociais que já eram motivo de preocupação; ou seja, o cenário pandêmico deixou determinados grupos sociais ainda mais vulneráveis (MADDALENA; COUTO JUNIOR; TEIXEIRA, 2020; CARRARA, 2020).

Diante dessas inquietações, este texto, fruto de pesquisa de mestrado recentemente finalizada^{iv}, analisa práticas ciberativistas cartografadas em tempos de COVID-19. O foco do trabalho foi discutir três episódios que ocorreram no final de 2021 e que repercutiram nas redes: 1) a participação de Bolsonaro e sua comitiva na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU); 2) a manifestação a favor do governo ocorrida no dia primeiro de agosto de 2021 em São Paulo (SP); e 3) a manifestação contrária ao governo ocorrida no dia sete de setembro no Rio de Janeiro (RJ). Adotamos a cartografia *online* como metodologia de pesquisa, privilegiando princípios como a atenção e o afetamento frente aos acontecimentos contemporâneos investigados, conforme discutimos na seção seguinte.

Cartografar a/na rede e acompanhar o fluxo da vida: alguns princípios teórico-metodológicos

O trabalho de campo, realizado nas redes sociais Facebook e Twitter entre os meses de setembro e dezembro de 2021, ocorreu em meio à pandemia da COVID-19. Durante esse período, percebemos o quanto as/os internautas estiveram implicadas/os no questionamento do cenário político brasileiro contemporâneo, mobilizando outras pessoas em/na rede com a intenção de ampliar as vozes e fortalecer as práticas ciberativistas. O ciberativismo pode ser compreendido como “um conjunto de práticas em defesa de causas políticas, socioambientais, sociotecnológicas e culturais, realizadas nas redes” (SILVEIRA, 2010, p. 31). Em outras palavras, o ciberativismo se traduz na participação política de internautas que apresentam interesses comuns, orquestrando suas atividades de luta através da mediação do digital em rede (COUTO JUNIOR; OSWALD, 2017).

A rede se configura, portanto, como um importante espaço em que o engajamento político entre sujeitos geograficamente dispersos é possível. O uso de dispositivos conectados à internet permite que todo acontecimento seja registrado e compartilhado nas redes sociais, fomentando interações e trocas (SOUZA; COUTO; BONILLA, 2018). Sob essa perspectiva, não poderíamos deixar de trazer aqui nossas impressões sobre três episódios que ocorreram no final de 2021 e que repercutiram nas redes, conforme apresentado na figura 2 abaixo.

Figura 2 – Episódios cartografados



Fonte: Acervo da pesquisa.

Adotamos a cartografia *online* como metodologia de pesquisa, reconhecendo, a partir do entendimento de Carvalho e Pocahy (2020, p. 64), que a cartografia é uma arte, a “arte de produzir conhecimento no fluxo do pesquisar”. Nos colocamos, então, abertas/os aos fenômenos que estavam emergindo ao nosso redor, percebendo a importância de nos afetarmos e nos mobilizarmos como pesquisadoras/es frente às ações necropolíticas que atravessaram a pandemia de COVID-19. Outra característica importante que constitui nosso modo de fazer pesquisa é a imprevisibilidade, que se refere ao entendimento de que não existe um único modo de fazer pesquisa, tampouco um único caminho previamente traçado a ser seguido com precisão (PARAÍSO, 2014).

Esse mergulho realizado nas redes e nas ruas acontece a partir do entendimento de que devemos nos colocar como “sujeitos ativos do processo de pesquisa já que o encontro com o outro está sempre enredado com o inesperado capaz de transformar aquilo que um método poderia tratar como verdade absoluta. Assim, cartografamos cotidianamente nós e ao outro” (RAMOS; PEDRINI; RODRIGUES, 2019, p. 140). Permitir o encontro com o inesperado faz com que nós, pesquisadoras/es, nos coloquemos abertas/os aos fenômenos que acontecem ao nosso redor e que permitem momentos de muitas trocas e aprendizados. Conforme defendem

os autores, o fluxo da pesquisa trata de um “movimento contínuo” (RAMOS; PEDRINI; RODRIGUES, 2019, p. 146).

Somente a partir dessa abertura para as múltiplas possibilidades de se pesquisar que refazemos, desfazemos e reconstruímos nosso percurso investigativo. A presença nas manifestações, por exemplo, não fazia parte das intenções iniciais de pesquisa. No entanto, estar mergulhada na pesquisa e implicada com o tema pesquisado significou entender o movimento contínuo de um trabalho que prima por uma inventividade metodológica que apresenta rigor, mas sem rigidez (PARAÍSO, 2014; COUTO JUNIOR; AMARO; TEIXEIRA; RUANI, 2020). Para isso, cabe um olhar atento e sensível, principalmente pelo entendimento de que precisamos estar “sempre ‘à espreita’ de uma inspiração que pode vir dos mais variados lugares” (SILVA; PARAÍSO, 2019, p. 5), assim como ocorreu nas manifestações que serão apresentadas e analisadas na seção seguinte.

A imprevisibilidade e a caminhada atenta se constituem como marcas de nosso modo de pesquisar a/na rede e acompanhar o fluxo da vida principalmente porque entendemos que não existe a possibilidade de “aplicarmos” o método cartográfico, conforme apontam Kastrup e Barros (2009). O que temos são pistas para praticarmos a cartografia no caminhar da pesquisa, abrindo espaço para a inventividade metodológica. Criamos estratégias metodológicas com base nas demandas e nos desafios que encontramos, reconhecendo que nenhuma pesquisa é igual, nenhuma pesquisa parte do mesmo pressuposto, atinge os mesmos resultados, tampouco pode ser replicada. Em nosso percurso cartográfico não acreditamos na neutralidade, rompemos com os generalismos e os essencialismos, reconhecendo ainda a importância de mergulharmos nos nossos interesses investigativos de forma aberta, abrindo mão de nossas certezas durante o caminho (PARAÍSO, 2014; RUANI; COUTO JUNIOR; AMARO, 2021).

Nos debruçaremos a seguir sobre algumas práticas ciberativistas, que envolvem a relação entre as redes sociais e os espaços físicos das cidades. Nessa dinâmica comunicacional redes sociais-cidades, percebemos o quanto, nas manifestações, ecoam diferentes reivindicações, vozes, interesses, defesas e problemáticas. Nos interessou acompanhar essas manifestações porque são um convite para que reflitamos sobre a percepção de parte da população sobre como tem sido a política praticada pelo governo brasileiro em tempos de COVID-19.

Das redes para as ruas e das ruas para as redes: cartografando práticas ciberativistas

Conforme apontado anteriormente, evidenciou-se uma política ineficiente de combate à COVID-19 no Brasil. Com isso, vimos observando um movimento global por parte das/os internautas contra a postura negacionista de Jair Bolsonaro e de suas/seus aliadas/os. Cartografando nas redes, o primeiro episódio que nos chamou atenção pode ser interpretado como a mobilização coletiva contra o negacionismo, em resposta à visita de Bolsonaro a Nova Iorque (EUA) para participar da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) em setembro de 2021. Devido às restrições sanitárias provocadas pela pandemia de COVID-19, somente as pessoas com o esquema vacinal completo foram autorizadas a frequentar os estabelecimentos fechados da cidade, como restaurantes, cinemas, academia e teatros. Durante a viagem, Bolsonaro e vários integrantes da sua comitiva, assim como ministros do seu governo, foram flagrados comendo pizza em pé, na calçada de um restaurante.

Conforme registrado em diversos momentos da pandemia, Bolsonaro afirmou que não se imunizou contra a doença, apresentando publicamente uma postura negacionista^v perante os líderes das maiores economias do mundo (G20) que estavam presentes na Assembleia Geral. A repercussão dessa viagem a Nova Iorque acaba se manifestando através dos *memes* produzidos e disseminados nas redes, que buscaram criticar a postura dos representantes brasileiros.

Figura 3 – Bolsonaro e sua comitiva comendo pizza na calçada de Nova Iorque



Fonte: Captura de tela realizada no Facebook em setembro de 2021 (fotografia também disponível em: <<https://is.gd/b72uXe>>. Acesso em: 12 maio 2022).

O registro do episódio teve alcance internacional, manchando ainda mais a imagem do Brasil, que durante as ondas da pandemia esteve entre os principais países mais atingidos tanto no número de infecções como no de óbitos. A presença de Bolsonaro em Nova Iorque repercutiu também nas redes, com um *tweet* publicado pelo prefeito da cidade, Bill de Blasio, que marcou

o presidente brasileiro para indicar em quais locais ele poderia ter acesso gratuito à vacinação contra o novo coronavírus (Figura 4).

Figura 4 – Prefeito de Nova Iorque divulga *link* de vacinação para Bolsonaro



Fonte: Imagem capturada no Twitter em setembro de 2021.

Diversas mensagens, assim como essa, foram enviadas por rede social pelo prefeito de Nova Iorque para Bolsonaro^{vi}, e apelavam para a necessidade da vacinação. Algumas dessas mensagens foram: “Mande seu marido se vacinar também para que ele deixe de ser um perigo para outras pessoas”^{vii}, direcionado a Michele Bolsonaro, que se vacinou em sua estadia na cidade; “Não seja um Jair Bolsonaro, seja como Harry e Meghan. Vacine-se”^{viii}, quando elegeu em quais líderes mundiais a população deveria se inspirar para garantir a imunização.

Diante de tais acontecimentos, percebemos a movimentação política nas redes como forma de indignação e repúdio. Esse movimento pode ser percebido com base no que Fernandes e Santos (2020, p. 4) discutem sobre as formas de atuação social e política em tempos de cibercultura, argumentando que “não há fronteiras geográficas nem espaciais para as experiências e criações de narrativas individuais e coletivas”. Bolsonaro e sua comitiva foram comparados a ratos, por meio do questionamento “o que é o que é: come pizza nas ruas, entra pelos fundos^{ix} e transmite doença?”. Essa comparação do presidente com os ratos virou alvo de *memes* e refletiu o descontentamento da população pela forma como Bolsonaro agiu no cenário pandêmico. Nesse sentido, destacamos abaixo uma das expressões de humor produzidas e compartilhadas por internautas que questionaram o desempenho do presidente brasileiro durante sua ida à Assembleia Geral da ONU.

Figura 5 – Bolsonaro e sua comitiva sendo comparados a um rato

O que é o que é: come pizza nas ruas, entra pelos fundos e transmite doença. Acertou quem disse comitiva do Bolsonaro na Assembleia Geral das Nações Unidas em Nova Iorque. [#ONU](#) [#UNGA](#) [#Bolsonaro](#) [#NY](#) [#Covid19](#) [#Pizza](#) [#Bolsonarovergonhamundial](#)

Translate Tweet



Fonte: Captura de tela realizada no Twitter em dezembro de 2021.

Além desse episódio, consideramos importante também trazer para o debate a repercussão de um movimento contra as ações de Bolsonaro que não ficou restrito ao espaço das redes sociais digitais, mas se ampliou para as ruas. Sob essa perspectiva, partimos do pressuposto de que “a internet é o tecido das nossas vidas” (CASTELLS, 2003, p. 7) quando consideramos a indissociabilidade do *online* e *offline*. Dito isso, a rede tem o potencial de promover a organização de práticas ciberativistas, fazendo do Facebook, do Instagram e do Twitter importantes espaços de encontro entre internautas que se organizam para ir às ruas questionar as ações governamentais em tempos de pandemia. Conforme defendem Pretto e Pinto (2006, p. 19), “não podemos continuar a pensar que as redes se instalam sobre espaços vazios [...] [,] não podemos nos contentar com simples apropriações dessas tecnologias, como se elas fossem, por si sós, capazes de reverter situações”. A presença de sujeitos na rede faz com que o ciberespaço seja um aliado importante na constituição de práticas de resistência voltadas para o questionamento da (necro)política.

Percebemos, então, como o fenômeno ciberativista emerge com as dinâmicas comunicacionais *online*, com a internet inaugurando uma nova era para os movimentos sociais, permitindo que pessoas de todo mundo convoquem, divulguem e acompanhem em tempo real o que está acontecendo nas ruas (QUEIROZ, 2017). Com isso, não podemos “ignorar a força dos movimentos espontâneos em rede, cujos efeitos antes não eram possíveis em uma sociedade

de massa. As próprias práticas do ciberativismo comprovam a força dos meios digitais para a articulação, mobilização e ações políticas” (PRIMO, 2013, p. 17).

Sob essa perspectiva, narramos abaixo a participação em duas manifestações orquestradas no ciberespaço e que ganharam também espaço de mobilização política nas ruas. Embora a pesquisa de campo tivesse privilegiado o espaço das redes, não foi possível ignorar, no percurso cartográfico, o desejo de ir para as ruas diante da oportunidade que surgiu. Na pesquisa cartográfica, “falamos de uma carta de intenções, um desejo de pesquisar de um determinado modo que pode (e deve) refazer-se no decorrer da mesma, realizando dobras que nunca cessam” (RAMOS, PEDRINI E RODRIGUES, 2020, p. 147 e 148). Ir às ruas em tempos de pandemia significou conhecer outros pontos de vista, perceber como o espaço público foi habitado e como os sujeitos produziram sentidos sobre a política praticada no país.

A primeira manifestação ocorreu na Avenida Paulista, região central da cidade de São Paulo, no dia 01 de agosto de 2021. A participação não foi programada, o que se constituiu como uma oportunidade investigativa da ordem do acontecimento, principalmente considerando que o percurso cartográfico é “construído no próprio processo de pesquisa” (ALVAREZ; PASSOS; 2009, p. 135). Em viagem pela cidade, ao retornar para o hotel, ouvir o hino nacional brasileiro despertou a curiosidade da autora. Sobre esse princípio da atenção, Kastrup (2019, p. 105) ressalta que é preciso praticar para que se possa aprender, entendendo que “a atenção se abre e deixa que cheguem as forças da matéria. Trata-se de um contato aberto e interrogativo. Olha! Sente!”. Não podemos perder de vista que o percurso cartográfico não é dado, convidando-nos ao *desassossego* de um caminhar que não busca fixidez (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012).

Apesar da insegurança não somente em relação à exposição ao vírus, mas com a presença em massa de sujeitos que defendem pautas que se distanciam da forma como compreendemos o mundo, não foi possível ignorar os possíveis achados e inquietações que este evento despertaria. Nesta manifestação a principal pauta era a defesa do voto impresso, alimentada pelos discursos de Bolsonaro ao alegar que as urnas eletrônicas apresentam problemas, mesmo sem provas^x. Essa alegação foi julgada posteriormente como inconstitucional pelo Supremo Tribunal Federal (STF). A manifestação contou com a presença massiva de sujeitos que, em sua maioria, estavam utilizando roupas das cores da bandeira brasileira, carregando a própria bandeira ou fazendo uso de roupas camufladas, exaltando o nacionalismo e reforçando o desejo pela reeleição de Bolsonaro em 2022.

Figura 6 – Manifestantes pró-Bolsonaro em São Paulo

Fonte: Acervo da autora, 2021.

Outra imagem bastante representativa desta manifestação apresenta a junção de bandeiras do Brasil com as placas indicando “NÃO SOMOS COBAIAS” e “SOMOS BOLSONARO”. O uso do termo cobaia ficou popularmente conhecido para indicar aquelas/es que acreditam na imunização via vacinas para a proteção contra a COVID-19. Parte das/os apoiadoras/es de Bolsonaro, portanto, defendem que não são cobaias, ou seja, não são objetos de testes e/ou experiências. Apesar dos diversos estudos científicos que comprovam a eficácia da vacina, a aplicação em escala global e a queda do número de óbitos após a campanha de imunização, muitas/os continuam desacreditando do poder da vacina, realizando campanha contra a sua utilização. Parte das justificativas se dão pelo tempo em que o imunizante foi desenvolvido e aprovado. No entanto, em um mundo globalizado, o compartilhamento de informações relevantes entre as/os cientistas se tornou fundamental para que pudessem produzir uma vacina capaz de reduzir as chances de internação e de óbito, no menor tempo possível (HARARI, 2020).

Nesse sentido, apostamos no importante papel da educação para ampliar o debate acerca das teorias sem fundamentos ou, ainda, políticos que tenham intenções escusas (HARARI, 2020). Cabe ressaltar que a proposição “SOMOS BOLSONARO” fortalece a força dos movimentos antivacina e anticiência e encontra na rede maiores possibilidades de disseminação. Como seria possível desconstruir essa e outras proposições, dando maior visibilidade sobre a importância das vacinas e sobre os perigos de um negacionismo que alimenta ações necropolíticas?

Figura 7 – Não somos cobaias, somos Bolsonaro

Fonte: Acervo da autora, 2021.

Frente a esse cenário, embora os *tablets* e celulares contribuam com a avalanche de desinformação, esses dispositivos também podem ser utilizados na construção de uma aprendizagem colaborativa voltada para questionar o que é produzido em/na rede (ALMEIDA; SANTOS, 2020). Isso porque “uma técnica não é boa, nem má (isto depende dos contextos, dos usos e dos pontos de vista), tampouco neutra (já que é condicionante ou restritiva, já que de um lado abre e de outro fecha o espectro de possibilidades) [o que nos impõe a necessidade de] situar as irreversibilidades às quais um de seus usos nos levaria” (LÉVY, 2020, p. 26). Dito isso, é necessário retomar a ideia de que, por trás de um dispositivo conectado à rede, existe um sujeito de carne e osso que produz e compartilha informações. O ciberespaço é um espaço de (intensas) disputas políticas e, conseqüentemente, apresenta-se como um *lôcus* importante para que internautas organizem novas lutas por mudanças sociais.

A primeira autora do texto também esteve presente em uma manifestação contrária ao governo Bolsonaro, ocorrida no dia 07 de setembro de 2021 na Avenida Presidente Vargas, região central da cidade do Rio de Janeiro. Por ter sido no Dia da Independência do Brasil, aconteciam, ao mesmo tempo, manifestações na Zona Sul do Rio de Janeiro, a favor de Bolsonaro. A caminho, grande parte dos vagões do metrô eram ocupados por apoiadoras/es do atual governo, gerando preocupação aos opositores que também estavam no local. Apesar disso, fazer parte da manifestação contrária souo como um sopro de esperança em meio a dias tão

ruins e a tantas vidas ceifadas pela ineficiência de políticas públicas no enfrentamento à pandemia de COVID-19.

Figura 8 – Manifestantes contra Bolsonaro no Rio de Janeiro



Fonte: Acervo da autora, 2021.

No ato contrário ao governo, as principais pautas levantadas estavam atreladas às políticas de morte, como a necessidade por mais vacinas, o grave cenário de desemprego que atingiu grande parte das/os brasileiras/os e a fome gerada pelo aumento dos preços dos alimentos. Sobre esse último ponto, uma parte da população precisou recorrer a restos de carnes e ossos^{xi} antes descartados por supermercados. Na imagem abaixo, “NUNCA FOI POR VACINA SEMPRE FOI POR PROPINA #FORABOLSONARO GENOCIDA”, temos uma resposta de enfrentamento pelos sujeitos diante do escândalo envolvendo a negociação da aquisição de doses de vacina pelo governo. Essa imagem reflete a denúncia de que o ex-diretor do Ministério da Saúde, Roberto Dias, havia solicitado propina no valor de US\$ 1 dólar por dose de AstraZeneca. Desse modo, por meio de gritos, bandeiras e cartazes, manifestantes desejavam a saída de Jair Bolsonaro da presidência. A intenção era escancarar as políticas de morte praticadas pelo governo que, no lugar de garantir a ampla vacinação para as/os brasileiras/os, fizeram da pandemia um “grande negócio”.

Figura 9 – Sempre foi por propina

Fonte: Acervo da autora, 2021.

Nessa manifestação ocorrida no Rio de Janeiro, percebemos a insatisfação das/os manifestantes, que denunciavam as políticas de enfrentamento à pandemia da COVID-19. Conforme representado pelo cartaz acima (Figura 9), muitas tomadas de decisões estavam sendo questionadas, cabendo destacar a defesa do Sistema Único de Saúde (SUS), das vacinas, da ciência, da luta contra o desemprego, da fome e da retirada de Bolsonaro da presidência. Com isso, não podemos negar que o ciberativismo denuncia determinadas ações (necro)políticas, dando ampla visibilidade, através das redes, a questões sociais que precisam ser debatidas.

Palavras finais

Os movimentos ciberativistas do século XXI vêm fazendo da rede um espaço importante de mobilização/organização, com grande repercussão também nas ruas, aspecto que evidencia a relação indissociável entre os espaços eletrônicos e os espaços físicos. Conforme Pretto (2013, p. 73), os movimentos ciberativistas estão mobilizando “o mundo em defesa das liberdades e estão pautando as discussões contemporâneas, trazendo profundas reflexões – e modificações – no comportamento de jovens e adultos e, quiçá, de políticos e governantes”. Dito isso, há uma expectativa de mudança a partir das mobilizações que são realizadas nas ruas, por meio do questionamento do que vem sendo praticado, principalmente no contexto político e social. Dessa forma, esses atos vêm se constituindo como importantes movimentos de transformação

do cenário brasileiro e podem ser percebidos como disparadores de reflexão para o campo da educação.

Os episódios acima discutidos nos mobilizam a reconhecer a potência das redes para a articulação de lutas políticas organizadas por sujeitos geograficamente dispersos que estão interconectados pelo ciberespaço. Com essa articulação, reconhecemos que o ciberativismo é importante na promoção de práticas educativas que visam orquestrar atos de resistência à necropolítica. Após dois anos (con)vivendo com o vírus da COVID-19, vimos olhando atentamente para as redes e aprendendo como os sujeitos vêm engajando-se coletivamente na luta contra as políticas de morte de um governo que vem contribuindo com um cenário social de desconfiança e medo.

Aprender com as redes significa acompanhar a forma como os sujeitos constroem sentidos de/sobre o mundo. Muitas/os dessas/es internautas são impulsionadas/os pela necessidade de colocar em prática ações (colaborativas) que questionam as políticas do tempo presente. Essas práticas não ficam restritas às redes, mas ganham novos contornos nas ruas (e vice-versa), convidando a um olhar sobre a constituição de novos agenciamentos sociais mediados pelo digital em rede.

Referências

ALMEIDA, Wallace; SANTOS, Edméa. Reglus: uma proposta de prática pedagógica na cibercultura. *Acta Scientiarum Education*, v. 42, p. 1-14, 2020. Disponível em: <<https://is.gd/lqayJx>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 131-149.

CARRARA, Sérgio. As ciências humanas e sociais entre múltiplas epidemias. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 1-6, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3j8wXrf>>. Acesso em: 27 set. 2020.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

CARVALHO; Felipe da Silva Ponte de; POCAHY, Fernando. Odiados pela nação: como ensinamos e aprendemos a odiar a diferença? *Interfaces Científicas – Educação*, Aracaju, v. 8, n. 2, p. 47-66, mar. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3bmOYxM>>. Acesso em: 24 mar. 2020.

COUTO, Edvaldo; COUTO, Edilece Souza; CRUZ, Ingrid de Magalhães Porto. #Fiqueemcasa: educação na pandemia da COVID-19. *Interfaces Científicas – Educação*,

Aracaju, v. 8, n. 3, p. 200-217, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/35ZS4X8>>. Acesso: 15 maio 2020.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; AMARO, Ivan; TEIXEIRA, Marcelle Medeiros; RUANI, Ruann Moutinho. Do face a face às dinâmicas comunicacionais em/na rede: a conversa online como procedimento metodológico da pesquisa em educação. *Revista Educação em Foco*, Juiz de Fora, v. 25, n. 1, p. 109-130, jan./abr. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/35womZD>>. Acesso em: 16 jun. 2020.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. Cibercultura, juventudes e heteronormatividade: ativismo e resistência no Facebook. *Revista Debates*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 153-174, maio/ago. 2017. Disponível em: <<https://is.gd/Ns9izP>>. Acesso em: 8 fev. 2022.

FERNANDES, Terezinha; SANTOS, Edméa. Ciberfeminismos e multiletramentos críticos na cibercultura. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 36, p. 1-19, 2020. Disponível em: <<https://is.gd/142v8d>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

HARARI, Yuval Noah. *Notas sobre a pandemia e breves lições para o mundo pós-coronavírus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KASTRUP, Virgínia. A atenção cartográfica e o gosto pelos problemas. *Revista Polis e Psique*, Porto Alegre, 20 ANOS DO PPGPSI/UFRGS, p. 99-106, 2019. Disponível em: <<https://is.gd/iHw4DZ>>. Acesso em: 3 mar. 2022.

KASTRUP, Virgínia.; BARROS, Regina Benevides de. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p.76-91.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2000.

MADDALENA, Tania Lucía; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; TEIXEIRA, Marcelle Medeiros. O que dizem os memes da educação na pandemia? Dilemas e possibilidades formativas. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 5, n. 16, p. 1518-1534, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/37WedIs>>. Acesso em: 29 dez. 2020.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira; PARAÍSO, Marlucy Alves. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. *Pro-Posições*, Campinas, v. 23, n. 3, p. 159-178, set./dez. 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/3Oqb9Ht>>. Acesso em: 27 jun. 2022.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. 2. Ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014, p. 25-47.

PINTO, Cláudio da Costa; PRETTO, Nelson. Tecnologias e novas educações. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 31, jan./abr. 2006. Disponível em: <<https://is.gd/R419iA>>. Acesso em: 27 fev. 2022.

PRETTO, Nelson De Luca. *Reflexões: ativismo, redes sociais e educação*. Salvador: EDUFBA, 2013.

PRIMO, Alex. Interações mediadas e remediadas: controvérsias entre as utopias da cibercultura e a grande indústria midiática. In: PRIMO, Alex (Org.). *Interações em rede*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013, p. 13-32.

QUEIROZ, Eliani de Fátima Covem. Ciberativismo: A nova ferramenta dos movimentos sociais. *Revista Panorama*, v. 7, n. 1, p. 2-5, jan/jun. 2017. Disponível em: <<https://is.gd/G50GAK>>. Acesso em: 4 de jan. 2022.

RAMOS, Hugo Souza Garcia; PEDRINI, Mateus Dias; RODRIGUES, Alexsandro. Cartografia e pesquisas com os cotidianos: um encontro metodológico. *Rebeh – Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, Mato Grosso, v. 2, n. 2, p. 139-151, jan. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/33SkvVK>>. Acesso em: 25 mar. 2020.

RUANI, Ruann Moutinho; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; AMARO, Ivan. Na quarentena, o tédio pode ser o pior inimigo: conversando com homens usuários do Grindr sobre namoro e “pegação” em tempos de pandemia. *Textura*, Canoas, v. 23, n. 55, p. 215-234, jul./set. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/37iMEIk>>. Acesso em: 3 ago. 2021.

SANTOS, Edméa; COLACIQUE, Raquel; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte de. A autoria visual na internet: o que dizem os memes? *Quaestio*, Sorocaba, v. 18, n. 1, p. 135-157, maio 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2MGandy>>. Acesso em: 14 abr. 2019.

SILVA, João Paulo de Lorena; PARAÍSO, Marlucy Alves. Para uma cartografia de infâncias queer no currículo escolar. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 57, n. 54, p. 1-21, out./dez. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2t5wHES>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

SOUZA, Joana Dourado França de; COUTO, Edvaldo Souza; BONILLA, Maria Helena Silveira. Entre a efemeridade das stories e a memória da escola. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 53, p. 167-181, abr./jun. 2018. Disponível em: <<https://is.gd/BxJ8dg>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

SILVA JUNIOR, Jonas Alves; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; RODRIGUES, Liliana. Quando o fundo do poço é (ainda) mais profundo: sobre a importância das ciências humanas e sociais em tempos de pandemia e negacionismos. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, Rio de Janeiro, v. 6, n. Especial II, p. 6-17, jun./out. 2020. Disponível em: <<https://is.gd/vJfyp5>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

SILVEIRA, Sergio amadeu da. Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo. *Revista USP*, São Paulo, v.1, p. 28-39. 2010. Disponível em: <<https://is.gd/b0efUJ>>. Acesso em: 6 dez. 2021.

TEIXEIRA, Marcelle Medeiros; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. Deu ruim na hashtag! Bots e pandemia de fake news em tempos de COVID-19: o caso #FechadoComBolso(L)naro. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 328-347, 2020. Disponível em: <<https://is.gd/wtnnG2>>. Acesso em: 11 maio 2022.

ⁱ Atraso no início da vacinação no Brasil. Disponível em: <<https://is.gd/yKNsYD>>. Acesso em: 16 jun. 2022.

ⁱⁱ CPI da COVID foi como ficou popularmente conhecida a Comissão Parlamentar de Inquérito da República Federativa do Brasil, instaurada para investigar omissões e irregularidades cometidas pelo governo durante a pandemia do novo coronavírus.

ⁱⁱⁱ Nota publicada pela CPI da COVID. Disponível em: <<https://is.gd/jWRehr>>. Acesso em: 16 jun. 2022.

^{iv} A primeira autora conduziu o trabalho de campo e o segundo autor orientou a pesquisa de mestrado.

-
- ^v Bolsonaro diz que não irá se imunizar contra a COVID-19 para estar presente na Assembleia Geral da ONU. Disponível em: <<https://is.gd/ES723g>>. Acesso em: 04 jan. 2022.
- ^{vi} Perfil do prefeito de Nova York, Bill de Blasio, no Twitter. Disponível em: <<https://is.gd/1KLZAY>>.
- ^{vii} *Tweet original*: “Send your husband to get vaccinated too so he can stop being a danger to others”. Disponível em: <<https://is.gd/DA4G7V>>. Acesso em: 18 dez. 2021.
- ^{viii} *Tweet original*: “Don’t be a @jairbolsonaro, be a #HarryAndMeghan. Get vaccinated”. Disponível em: <<https://is.gd/PM9H7t>>. Acesso em: 18 dez. 2021.
- ^{ix} Bolsonaro entra pela porta dos fundos do hotel devido à manifestação contrária ao seu governo que ocorria na entrada. Disponível em: <<https://is.gd/X2DNoj>>. Acesso em: 18 dez. 2021.
- ^x Bolsonaro alega fraude nas urnas eletrônicas. Disponível em <<https://is.gd/oKVbuk>>. Acesso em: 4 jan. 2021.
- ^{xi} Caminhão dos ossos é disputado no Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://is.gd/NCGE4j>>. Acesso em: 6 jan. 2022.